

## Com a mão na consciência

Nunca tive quaisquer relações com Alfredo Pimenta e talvez pudesse queixar-me de agravos que, aqui e além, me vieram da sua pena, porventura envenenada por pequeninas intrigas de terceiros. Se começo por aludir a eles, seja só para realçar, de algum modo, o que, nas palavras que me pediram, vai de sincera homenagem à sua memória.

Sempre pensei que faz muita falta o contacto directo com os homens que muitas vezes evitaria arestas desagradáveis, desentendimentos absurdos, lamentáveis situações de circunstância.

Creio que Alfredo Pimenta lucraria com ter sido menos intempestivo no ardor das refregas a que o arrastou o seu temperamento de lutador.

Também ele sublinhou o “exagero polémico” de algumas atitudes de António Sardinha.

No fundo, era, como Luís Veillot, Leão Bloy, Camilo, Junqueiro ou o Padre Sena Freitas: o leão que sacudia a juba revolta e saltava implacavelmente sobre os adversários, sem deixar de ser, na intimidade da família ou dos amigos, um coração que se abria sem esforço e se comunicava sem reservas.

Numa carta sem data (A. P. só costumava indicar na correspondência o dia da semana), ele próprio declarava: “Sou a criatura mais cândida, mais coração à flor da boca, mais simples que veio a este mundo. Não semeio ilusões como os bruxos, mas colho desilusões como os poetas que são ainda daqueles extintos tempos em que a poesia dava encantos, se transformava em imagens translúcidas e animava ritmos misteriosos”.

Dizem-me que era encantadora a sua conversa nas horas de encontro em sua casa, quando se esquecia das turbas e das trincheiras de combate, e era ele só, no repouso dos nervos e das incursões pelas florestas do pensamento em que todo ele se consumia, abraçado e inquieto, na verificação de uma data ou na análise de um texto. Fora da turbulência das paixões, era o homem que sabia dialogar e se comovia com uma ave ferida ou os olhos de uma criança triste.

Assim era também Nietzsche, o propugnador da vida violenta, como era Danton, o revolucionário das oratórias de fogo.

O poeta, que sempre fora, capaz de arrojados líricos e de puros estremecimentos de alma, deixou bem à vista em centenas de poemas a sua vocação para os ritmos amplos e as elevadas ressonâncias.

Era então que ele mais humanamente se afirmava, na nudez interior e no empenho de florir de beleza as suas searas de sonho.

Este pendor para captar vibrações da Natureza ou do Espírito, várias vezes o manifestou em crônicas desenfadadas enviadas da sua residência de Guimarães às redacções dos jornais em que colaborava.

Se pretendemos explicar, sem preconceitos, a sua imensa actividade mental e artística, teremos de considerar os longos e ásperos caminhos que percorreu, desde os tempos agitados da juventude em que não resistiu à tentação de beber por taças que viria a quebrar, até às penumbras crepusculares em que melancolicamente se recolhia na meditação das realidades que a fé cristã, mais do que as lucubrações metafísicas, lhe iluminava de pacificantes claridades.

Há uma sua confissão que vale a pena recordar: Tendo deixado as “brumas stirnerianas e nietzschenianas”, “há uns vinte anos, quando fatigado da contemplação incoerente da paisagem movediça dos sistemas, e tonto da poeira malsã que levantavam os escombros das Doutrinas atingidas pela Crítica— eu busquei, no regresso à Alma Mater, a solução transcendente, por a-racional, às interrogações angustiosas e às dúvidas miseráveis, sacudido, no fundo longínquo da minha ancestralidade, pela luminosidade inigualável da obra de Tomás Kempis— se dele é...”

A mesma *Imitação de Cristo* ajudara Maria Stuart a suportar os tormentos do cativo e confortara o Marechal de Montmoreney na véspera de subir ao cadafalso; e aliviara as amarguras dos últimos dias de Henriqueta Maria de França, Rainha da Grã-Bretanha: e fortalecera o ânimo de Luís XVI entre as sombras do Templo e a guilhotina da Praça da Revolução: e respondera às trágicas interrogações de La Harpe entre ferros; e acompanhava o matemático Cauchy, ao lado de Virgílio e da *Mecânica Celeste* de Laplace; e era o enlevo de Leibnitz, Chateaubriand, Taine, Michelet, Thierry, Balzac, George Sand, Laménais, Sainte-Beuve, Lemaitre, Augusto Comte e Renan, do Marechal Foch, do General inglês Gordon Pacha e de Livingstone.

O que a *Imitação de Cristo* produziu na consciência sequios a e implorativa de A. Pimenta viria a culminar no seu Testamento,

assinado em 19 de Janeiro de 1934: “Nasci na Igreja Católica Apostólica Romana. Dela me desviei na mocidade; a ela regresssei mercê da Graça de Deus. Quero morrer nela — crendo tudo quanto ela ensina, reprovando tudo quanto ela rejeita.

...Peço a minha mulher, aos meus filhos, aos meus amigos, aos meus adversários e aos meus inimigos perdão do mal que lhes fiz, dos desgostos que lhes dei, e das injustiças que para com eles cometi”.

Depois destas palavras, redigidas na Torre do Tombo e que poderiam ter sido inspiradas num dos momentos de religiosa humildade em que Alfredo Pimenta costumava ajoelhar na Basílica dos Mártires, não há mais o direito de nos retrairmos perante a memória do escravo da pena que quis descansar para sempre na simplicidade de uma capela, sob as bênçãos maternais de Nossa Senhora.

Difícilmente, aliás, compreenderemos as psicologias como a de Alfredo Pimenta, sem atendermos ao drama subjacente, de que falava Santo Agostinho, a certas manifestações exteriores, que nem sempre são as mais correctamente expressivas de uma alma em contínua pesquisa da verdade. Esta pesquisa, que não conhece os jardins de Epicuro nem as paragens burguesas, implica sofrimentos e batalhas ocultas, a que só por ignara superficialidade ou parcialismo empedernido, não ligaremos importância numa existência superior, para quem todas as problemáticas vivenciais são experiências dolorosas, árduas tentativas de descoberta e de conquista.

Em Alfredo Pimenta, muito mais positiva do que a sua obra de panfletário, é a sua obra de investigador, de doutrinador político e de erudito.

Poucos escritores deste século terão abrangido, nos domínios da filosofia, da história e da crítica, tamanha diversidade de matérias e com tão vasto conhecimento da bibliografia respeitante a cada uma.

Trabalhador infatigável, tanto se debruçava sobre velhos documentos, como andava a par das últimas novidades científicas e literárias. Nem lhe eram estranhos os problemas teológicos, até os mais controversos e delicados, como o das visões particulares e o dos estigmas, sobre que deixou observações de ousado precursor da moderna parapsicologia, agora já leccionada em várias Universidades europeias e americanas.

Quem o via na Torre do Tombo, sentado à mesa da Sala de Leitura, logo parecia estar em frente de um velho hermeneuta me-

dieval ou renascentista, a braços com pergaminhos e palimpsesto<sup>8</sup> na tarefa quase desesperada de interpretar caligrafias demoníacas.

O seu monóculo era nele, além de uma necessidade óptica, um símbolo de atenção às páginas submetidas ao seu processo de estudo.

Dizia Charles Nodier que, “depois do prazer de possuir livros, não há outro mais grato que o de falar deles”.

Alimentava Alfredo Pimenta os dois prazeres, que lhe eram, mais que tudo, imperativos de cultura. A sua biblioteca era o seu planeta, a sua cela de penitente e a sua caverna de mineiro. Podia não ouvir quem lhe gritasse da porta, mas escutava, na solidão e no silêncio, como Unamuno, as vozes dos mestres e dos poetas, esperando uma resposta para cada interrogação ou dúvida. Tamanho trabalho de prisioneiro voluntário e de devorador de livros, de robusto apetite mental, fazia-o irmão de Menéndez y Pelayo que, tendo começado por elaborar, na infância, o catálogo da sua biblioteca de 34 volumes, legava, ao morrer, aos 56 anos, nada menos que 50 mil livros a Santander, sua cidade natal.

— Meu filho, os livros estão a secar o teu coração.

Isto se conta da mãe de Flaubert, para a qual os alfarrábios e as brochuras acumuladas eram apenas um estorvo aos seus cuidados domésticos.

Os livros não secaram o coração de Alfredo Pimenta, embora lhe dessem um ar de obsessa toupeira perfuradora, habituada aos labirintos subterrâneos.

Como Sousa Viterbo ou Leite de Vasconcelos, tudo sacrificava — espectáculos e reuniões sociais — para se dedicar exclusivamente à consulta aturada e penosa, enriquecedora e fecunda, dos autores clássicos e contemporâneos, com que saciava, sem intervalos de jejum, a sua omnívota curiosidade intelectual.

Tal exemplo de abnegação e perseverança, ninguém o pode minimizar, sem cometer a mais flagrante injustiça.

Conservo, desde há muitos anos, o original de uns versos inéditos e diversas cartas de Alfredo Pimenta a agradecer livros recebidos de alguém a quem não regateava palavras de louvor e de estímulo. E conservo ainda uma recordação pitoresca. Numa das suas intervenções de esgrimista irritado, perguntou ao contendor: — «Já leu Vitrúvio? — Não li, nem tenciono ler — retorquiu-lhe o antagonista. A mim, basta-me o Calepino, que é também um dos seus adjutórios predilectos.»

O Calepino era uma raridade e, se aparecia, custava um dinheirão. Não conseguiu adquiri-lo a pelintrice da minha bolsa. Mas adquiri, no primeiro leilão, os *Dez Livros da Architectura*, de Vitruvius. Por causa da referência de A. Pimenta...

Ainda hoje não estou arrependido de levar para umas das minhas estantes o Vitruvius das engenharias romanas.

E espero nunca me arrepender de, apesar de quaisquer divergências, aderir gratamente à oportuna homenagem do “Arquivo” ao grande erudito que foi o autor das três grossas colectâneas dos *Estudos Filosóficos e Críticos* a que a cada passo gosto de lançar a mão, porque ali muita coisa se ensinou e muita coisa se pode ainda aprender.

Se, na frase de Marcel Proust, “la lecture est une amitié”, não hesito em declarar que, lendo Alfredo Pimenta nas suas obras fundamentais e mais duradoiras, me sinto, afinal, seu amigo...

*Moreira das Neves*